



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

TESSITURAS AKAN: Kente e Adinkra em costuras de tradição e moda contemporânea global

AKAN WEAVES: Kente and Adinkra in the seams of tradition and global contemporary fashion

Okasaki, Aymê; PhD; Universidade de Sorocaba, ayme.okasaki@hotmail.com¹

Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas²

Resumo: Este artigo analisa a expansão dos usos dos tecidos kente e adinkra, originários de Gana, de usos cerimoniais tradicionais para a moda contemporânea, discutindo seus significados culturais, simbólicos e identitários. A pesquisa adota abordagem qualitativa e histórico-cultural, baseada em revisão bibliográfica, análise visual e estudos de caso, ressaltando o potencial de valorização da herança africana e afro-diaspórica no design de moda e incentivando práticas éticas e colaborativas na utilização de referências culturais tradicionais.

Palavras chave: Adinkra; kente; tecidos afro-diaspóricos.

Abstract: This article analyzes the expansion of the uses of kente and adinkra fabrics, originating from Ghana, from traditional ceremonial contexts to contemporary fashion, discussing their cultural, symbolic, and identity-related meanings. The research adopts a qualitative and historical-cultural approach, based on bibliographic review, visual analysis, and case studies, highlighting the potential for valuing African and Afro-diasporic heritage in fashion design and encouraging ethical and collaborative practices in the use of traditional cultural references.

Keywords: Adinkra; kente; afro-diasporic fabrics.

¹ Docente no Bacharelado em Moda da Universidade de Sorocaba e nos Tecnólogos em Moda e Produção do Vestuário da Anhembí Morumbi – campus Athon, e Senai-SP. Bacharela e Mestra em Têxtil e Moda (USP), licenciada em Artes Visuais (FAAL) e Doutora em História Social (USP). Integrante líder do grupo de pesquisa Fayola Odara, e integrante dos grupos Moda, Produção, Cultura e Sociedade no Brasil; Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Políticas de Educação Superior - GEPEs-Uniso.

² Grupo composto por José Roberto Lima Santos, Marina de Mello e Souza, Eliany Cristina Ortiz Funari, Marcel Marques de Jesus, Beatrice Rossotti.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

Este estudo deriva de pesquisa de doutorado realizada na Universidade de São Paulo em 2024, que analisou os trajes do terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo, destacando práticas de (re)africanização e resistência cultural. A investigação atual amplia o foco para os tecidos kente e adinkra, originários de Gana, examinando sua transição de usos cerimoniais para a moda contemporânea global. Os tecidos kente são tradicionalmente tecidos em faixas por homens da etnia Ashanti e representam status social e poder, com padrões geométricos e cores que carregam significados espirituais, políticos e sociais. Já os tecidos adinkra, produzidos pelos Akan, são feitos de algodão grosso tingido com corantes vegetais e estampados com símbolos gráficos, cada um com um significado específico, como o Sankofa, que simboliza a sabedoria de valorizar o passado para compreender o presente e planejar o futuro.

Objetivos

O objetivo central da pesquisa é analisar como os tecidos kente e adinkra foram reinterpretados e incorporados à moda contemporânea, destacando sua função como símbolos de identidade africana e afro-diaspórica. A investigação busca compreender os impactos culturais e identitários dessa transposição e promover o uso ético e colaborativo de referências culturais tradicionais.

Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, histórico-cultural e etnográfica. Inclui revisão bibliográfica, análise visual de peças e coleções, visitas in loco à exposição *Africa Fashion* (V&A Museum, 2022) e ao acervo do MARKK Museum em Hamburgo, Alemanha, com conversas e observação na reserva técnica junto a Barbara Plankensteiner e Malika Kraamer, pesquisadora e curadora do museu. Foram realizados estudos de caso em marcas contemporâneas como Meninos Rei, Louis Vuitton sob Virgil Abloh e Kofi Ansah. Adicionalmente, incluiu-se a compra e análise de um kente de chefe Ashanti de 1970, 100% rayon, adquirido do fornecedor *Adire African Textiles* (£375, 323 cm x 222 cm), permitindo avaliação detalhada de técnica, cores e padronagens.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referencial Teórico

O estudo se ancora em Clarke (1997) e Nascimento & Gá (2009), que abordam a simbologia e as técnicas de tecelagem dos tecidos africanos, e integra dados do relatório The African Fashion Sector (UNESCO, 2023), que destaca a importância do continente africano na produção de matérias-primas têxteis e o crescimento do consumo interno de moda e tecidos. O referencial teórico também considera discussões sobre identidade, apropriação cultural e ressignificação estética no contexto afro-diaspórico.

Kente

O primeiro tecido a ser analisado neste artigo é o kente, escolhido por sua relevância histórica, cultural e simbólica dentro da tradição Ashanti e sua transposição para a moda contemporânea. O kente é um tecido de faixas estreitas, produzido por homens em teares, tradicionalmente no Império Ashanti, na região de Gana. O termo *kente* significa, em tradução livre, "cestaria", fazendo referência às padronagens que remetem ao tamar de palhas utilizado na confecção de cestos. Historicamente, este tecido era utilizado pelos Ashantehene, o rei Ashanti, e sua corte. No século XVII, sob a liderança do Ashantehene Osei Tutu, o império Ashanti se expandiu em torno da capital Kumasi, absorvendo vestuários locais e técnicas de tecelagem com algodão, do cinturão da savana ao norte. Um mito de origem dos tecelões conta que Otah Kraban teria trazido um tear para a aldeia de Bonwire, que se tornou o centro dos tecelões reais e outros especialistas em artesanato. Com a expansão do império até a região atual de Gana, no século XIX, o uso do kente se consolidou entre a corte do Ashantehene, tornando o ofício dos tecelões uma função real (Clarke, 1997).

Apesar do uso de algodão nativo, o kente também incorporava tecidos de seda vindos da Europa, desfiados, fiados e retecidos. Um comerciante dinamarquês relatou em 1730 que os artistas misturavam lã, fios de seda e algodão, obtendo diversas cores (Clarke, 1997). Essa diversidade de cores incluía o amarelo ouro (realeza, ouro Ashanti, Sol, pureza espiritual), branco (pureza, cura, festividades), azul (amor, harmonia e paz), verde (colheita, renovação espiritual), vermelho (sangue e força), marrom (terra e cura), roxo (feminilidade, cura) e preto (ancestrais e maturação) (Clarke, 1997).

A avaliação visual direta de um kente de chefe Ashanti adquirido do fornecedor *Adire African Textiles*, datado de 1970, permitiu observar estes detalhes da técnica de tecelagem manual de faixas estreitas e da costura manual que



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

une cada faixa. O tecido, 100% Rayon, com dimensões de 323 cm x 222 cm, apresenta cores tradicionais — vinho/vermelho, amarelo, verde e preto — formando padrões geométricos típicos da tradição Ashanti (Fig. 1). A observação mostrou como a disposição das cores e o as repetições que variam entre as faixas laterais e centro (sem um *rapport* único no tecido) das faixas criam profundidade e equilíbrio visual, reforçando a significação identitária e social do kente.

Figura 2 - Kente de chefe Ashanti de 1970.



Fonte: Galeria de Londres, Adire African Textiles. Fotografia: da autora (2024)



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O tecido em análise apresenta uma composição cromática vibrante, com predominância do amarelo-dourado, intercalado por faixas em bordô, verde, roxo e preto, além de detalhes em branco que reforçam o contraste visual. A organização geométrica é marcada pela alternância de blocos retangulares: alguns com listras finas e paralelas em sequência regular, outros com padrões em degraus (zigue-zague), característicos da tecelagem Akan. A repetição dos padrões, aliado à saturação cromática, reforça a importância cerimonial do kente. A padronagem se assemelha ao motivo *Sika Futoro* (ouro torcido), tradicional entre os tecelões Ashanti, no qual o amarelo simboliza riqueza, prosperidade e poder espiritual, remetendo à centralidade do ouro na cultura Akan. As cores complementares reforçam significados socioculturais: verde associa-se à fertilidade da terra; bordô, à força vital; e preto, à ancestralidade e à ligação com o plano espiritual. A composição revela não apenas uma estética refinada, mas também uma narrativa visual que expressa status e prestígio, elementos centrais nas indumentárias de chefes e líderes (Clarke, 1997).

Os tecidos kente resistiram a lutas sociais e políticas, mantendo-se como símbolo distintivo Ashanti e africano reconhecido mundialmente. Designers como Kofi Ansah (1951-2014) levaram o tecido às passarelas em Gana e Londres. Kofi Ansah foi um estilista ganês considerado um dos pioneiros da moda africana contemporânea. Nascido em Accra, Gana, em uma família artística, iniciou sua trajetória criativa influenciado pelo pai, fotógrafo e músico clássico. Formou-se com honras em Design de Moda pela *Chelsea School of Art*, em Londres, destacando-se ao criar um top de pérolas para a Princesa Anne, o que lhe abriu portas no cenário britânico. Após uma carreira internacional, retornou a Gana em 1992, fundando a empresa *Artdress Ltd.* e consolidando o uso do *prêt-à-porter* com tecidos africanos tradicionais, como kente e bogolanfini, além de criar iniciativas como o *Friday African Wear*, que estimulava o uso de roupas africanas no ambiente de trabalho. Foi também fundador da Federação de Designers Africanos e mentor de novos estilistas, desempenhando um papel central no fortalecimento da indústria de moda ganesa. Reconhecido com prêmios como o *Millennium African Fashion Awards* e o *Ghana Quality Awards*, foi responsável pela criação do tecido comemorativo do cinquentenário da independência de Gana (2007) e pelos trajes oficiais da Copa Africana de Nações de 2008. Faleceu em 3 de maio de 2014 em Accra, deixando um legado que influenciou gerações e consolidou a moda africana no cenário internacional (V&A, 2022).

Na moda contemporânea, o kente apareceu em coleções internacionais, como a Outono/Inverno 2021 da Louis Vuitton, por Virgil Abloh. Virgil foi um designer e empreendedor estadunidense nascido em Rockford, Illinois, filho de



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

imigrantes ganeses. Formado em engenharia civil pela University of Wisconsin–Madison (2002) e com mestrado em arquitetura pelo *Illinois Institute of Technology* (2006), iniciou sua carreira no mundo da moda ao estagiar na Fendi em 2009 ao lado de Kanye West, sob cuja direção viria a ser diretor criativo da agência DONDA e compositor do álbum *Watch the Throne* (2011). Em 2012 fundou a *Pyrex Vision*, que rapidamente se transformou em *Off-White*, marca de *streetwear* de luxo sediada em Milão, reconhecida por seu estilo gráfico e referências inclusivas, e finalista do Prêmio LVMH em 2015. Em 2018, tornou-se o primeiro designer negro a assumir a direção artística da linha masculina da Louis Vuitton, estreando com um desfile icônico em uma passarela arco-íris que marcou sua ascensão como figura chave na moda global. Também foi mentor de jovens talentos, colaborou com marcas como Nike, IKEA e Evian, lançou o Post-Modern Scholarship Fund para apoiar estudantes negros, e, mesmo após o diagnóstico de um câncer cardíaco raro em 2019, manteve-se produtivo até seu falecimento em 2021, deixando um legado de inovação, representação e diálogo entre cultura urbana e luxo (V&A, 2022).

Na moda contemporânea brasileira, a marca Meninos Rei exemplifica a transposição simbólica e estética do kente. Meninos Rei (fundada em 2015) é uma marca baiana criada em Salvador pelos irmãos Céu Rocha (1982-) e Júnior Rocha (1981-), inicialmente com pequenas produções sob encomenda e posteriormente consolidada no mercado nacional, chegando à São Paulo Fashion Week. A marca destaca-se pela valorização da ancestralidade africana e pela fusão de referências culturais em criações afro-urbanas contemporâneas, com modelagens ousadas e estética vibrante. Seu trabalho enfatiza autenticidade, representatividade e originalidade, promovendo narrativas de identidade e orgulho afro-brasileiro (MENINOS REI, 2025). A marca aplica padronagens inspiradas no tecido, mesmo em forma de estampa, em peças urbanas, reforçando a alusão à tecelagem artesanal e ao resgate da ancestralidade africana. Um exemplo é o macacão com estampa kente, que mantém a geometria e a combinação cromática tradicional, estabelecendo diálogo entre tradição e contemporaneidade (Fig. 2).



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 2 - Desenhado por Kofi Ansah, conjunto para o casamento de Ashley Shaw-Scott Adjaye e David Adjaye, produzido em Gana, 2014 (esq.). Kente desenhado por Virgil Abloh para a Louis Vuitton, 2021 (dir.).



Fonte: Exposição Africa Fashion, no Victoria and Albert Museum. Fotografia: da autora (2022) – Esq.; V&A (2022, p. 87) – Cen.; Site Meninos Rei (2025).

A estampa do macacão da marca Meninos Rei apresenta uma organização em faixas horizontais e blocos geométricos. Cada bloco exibe motivos geométricos repetitivos, como retângulos, triângulos, losangos e listras, evocando a tecelagem manual das faixas estreitas do kente, e combinando elementos simétricos e assimétricos que conferem ritmo visual e dinamismo, característica marcante das padronagens Ashanti. As cores desempenham papel simbólico significativo: o vermelho remete à força, vitalidade; o amarelo, muito presente na peça e alinhado com o nome da marca Meninos Rei, faz referência à riqueza, ao ouro e à realeza, reforçando um caráter de destaque social e espiritual; o verde simboliza colheita, crescimento e renovação, conectando a peça aos ciclos da natureza; enquanto o preto reflete ancestralidade, maturação e respeito pelos antepassados. Apesar de ser uma estampa impressa em tecido contemporâneo, o macacão mantém a referência à técnica tradicional de faixas estreitas do kente, evidenciada pelos blocos de cores alternadas e pelos motivos geométricos intercalados, funcionando como um resgate da ancestralidade



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

e preservando a simbologia de status, identidade e memória cultural. A peça adapta a estética tradicional para a moda urbana, transformando a simbologia do kente em linguagem contemporânea sem perder a conexão com seus significados originais. Visualmente, a combinação de cores cria profundidade, reforçando o caráter expressivo da estampa, enquanto os blocos geométricos repetidos geram um ritmo visual contínuo, semelhante à sensação que se tem ao observar um kente manualmente tecido.

Estudantes na afrodíaspóra passaram a utilizar uma faixa de kente nas becas de formatura, entre outros usos. O primeiro-ministro de Gana, Kwame Nkrumah, vestiu kente nas celebrações de independência em 1957, usando padronagem que significava “eu fiz o meu melhor”. Além da corte Ashanti, o kente também é produzido pelos povos Ewe, com predominância de tons mais frios e azulados (Clarke, 1997). Na Fig. 3, à esquerda, é apresentada uma tecelagem Ewe Kente; à direita, um tecido estampado industrialmente *wax print* inspirado no artesanal, utilizado por Georgia Prado da confecção Odó Iná, em uma festa de Ogum no terreiro Axé Ilê Obá, em 2019.

Figura 3 - Ewe Kente, de Gana, 1930-1950, da galeria londrina Adire African Textiles (esq.); e Ìyá Regina de Xangô vestindo saia do Ateliê Odó Iná, no Axé Ilê Obá, em festa de Ogum, 2019 (cent. e dir.)



Fonte: Duncan Clarke (2020) – Esq.; Georgia Prado (2019) – Cent.; Fotografia cortesia de Eduardo Cancissú (2019) – Dir.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Adinkra

O Adinkra, tecido tradicional dos povos Akan, estabelece um diálogo direto com o Kente, tanto por sua relevância cultural quanto pela função social e simbólica que ambos carregam. Enquanto o Kente se caracteriza por faixas geométricas coloridas, o Adinkra é confeccionado com tiras de algodão grosso, tingidas com corantes vegetais e estampadas com símbolos gráficos — uma linguagem pictórica que transmite filosofias, provérbios e ensinamentos do povo Akan. Os símbolos são aplicados utilizando carimbos talhados em cabaças e tinta vegetal, com as tiras costuradas para formar tecidos de diversos tamanhos, conforme o uso pretendido. A técnica tradicional envolve dividir as tiras em seções com pentes de duas a oito pontas, criando padrões precisos que carregam significado. Entre os símbolos mais significativos, destaca-se o Sankofa, que representa a sabedoria de “voltar e buscar o que foi deixado para trás”, valorizando o passado como chave para compreender o presente e planejar o futuro (Nascimento; Gá, 2009).

Este símbolo pode aparecer como um coração estilizado ou como um pássaro com a cabeça voltada para trás e o corpo avançando para frente, sendo reconhecível mesmo fora do contexto têxtil, como em ferragens de portões no Brasil. As cores do Adinkra também possuem profundo significado cíclico, refletindo a concepção de vida dos Akan. O branco representa o nascimento e o início da vida; o amarelo marca a juventude e rituais de nomeação, nos quais a criança recebe pepitas de ouro para simbolizar prosperidade e alma; o marrom indica a vida adulta, associado a cerimônias como o *Dansinkran*; o preto está ligado à morte, enquanto tecidos multicoloridos, que combinam todas essas tonalidades, simbolizam a totalidade do ciclo de vida (Clarke, 1997).

Na moda contemporânea, o Adinkra tem sido reinterpretado de maneiras que valorizam sua ancestralidade e, simultaneamente, confrontam questões sociais. Um exemplo marcante é a coleção de Isa Isaac Silva apresentada no SPFW 2025, que trabalhou o tema Adinkra para comemorar os 10 anos de marca. Isa, estilista baiana nascida em 1989 em Barreiras, é reconhecida por sua abordagem inclusiva e afrocentrada na moda brasileira. Desde cedo teve contato com a costura e, após mudar-se para Salvador, estudou design, gestão e religiões de matriz africana, aprofundando sua compreensão cultural e estética. Mudou-se para São Paulo em 2008, formando-se em Tecnologia de Produção do Vestuário pelo SENAI e colaborando com marcas e estilistas locais. Em 2015, fundou sua marca, estreando na Casa de Criadores com a coleção *Dandaras do Brasil*, e debutou na São Paulo Fashion Week em 2018 com *Acredite no seu Axé*, destacando diversidade de corpos e identidades.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

É possível analisar a coleção sob a ótica da simbologia de renascimento, considerando que o tecido era tradicionalmente utilizado em contextos fúnebres. A coleção incorporou os símbolos e cores tradicionais do Adinkra a modelagens contemporâneas, conectando estética, memória coletiva e identidade cultural em um diálogo entre tradição e moda global.

Figura 4: Coleção Adinkra, Isa Isaac Silva, SPFW 2025.



Fotografia: Jordan Vilas. Fonte: <https://elle.com.br/desfiles/isa-silva-2025>

No vestido da esquerda (Fig. 4), observa-se o símbolo Ananse, que representa sabedoria, criatividade e a habilidade de contar histórias, personificadas na aranha Ananse, figura central da mitologia Akan (Nascimento; Gá, 2009). Assim como a aranha tece sua teia com paciência e precisão, o símbolo remete à tecelagem tradicional do Adinkra e, mais amplamente, à própria construção cuidadosa das peças na moda, conectando narrativa, habilidade artesanal e estética contemporânea.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Na saia da figura central (Fig. 4), o símbolo Aya evidencia perseverança, resistência e força diante das adversidades (Nascimento; Gá, 2009). Tradicionalmente associado a resiliência, o Aya ganha aqui novos sentidos na interpretação da estilista Isa Silva, dialogando com a resistência negra no Brasil e também com questões de gênero, refletindo a própria trajetória da estilista e a voz comunicativa de suas coleções, que incorporam experiências de transição e empoderamento.

No vestido da direita (Fig. 4), o símbolo Sankofa reforça a importância de “voltar e buscar o que foi deixado para trás”, valorizando a memória e a aprendizagem do passado para construir o futuro (Nascimento; Gá, 2009). Nesta peça, o Sankofa aparece estilizado na forma de coração, remetendo aos portões de metal encontrados no Brasil e simbolizando não apenas a preservação da cultura Akan, mas também a conexão afetiva com memórias e resistências históricas da diáspora africana. Essa aplicação simbólica evidencia como o Adinkra, por meio da moda contemporânea, continua a dialogar com tradição, memória, estética e questões socioculturais, transformando cada peça em uma narrativa visual e política.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam que os tecidos kente e adinkra transcendem seu caráter funcional, atuando como veículos simbólicos de identidade, memória e resistência cultural na diáspora. A transição desses tecidos de contextos cerimoniais para o cenário da moda contemporânea demonstra a capacidade de adaptação e ressignificação de tradições africanas, ao mesmo tempo em que apresenta desafios éticos relacionados à apropriação cultural e à descontextualização de significados.

O estudo revelou que coleções de marcas como Meninos Rei, Louis Vuitton e a obra de estilistas ganenses como Kofi Ansah promovem um diálogo produtivo entre tradição e inovação, incorporando códigos simbólicos e cromáticos de maneira consciente. Os tecidos não apenas mantêm seus significados originais (status, espiritualidade, fases da vida), mas também se tornam instrumentos de comunicação estética e política, ampliando a visibilidade da herança africana e afro-diaspórica no espaço global da moda.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Embora no Brasil os povos iorubás tenham obtido maior reconhecimento cultural, a tradição Ashanti, representada em elementos como o kente e o adinkra, também integra de forma significativa a colcha da cultura afro-brasileira. Essa presença, revela conexões históricas entre a diáspora africana e o Brasil, reforçando a importância de ampliar o olhar acadêmico para além dos grupos mais difundidos, valorizando a pluralidade das matrizes africanas que moldaram e seguem costurando a identidade cultural brasileira.

Em termos sociais e culturais, a pesquisa reforça a importância da valorização e do reconhecimento da ancestralidade africana, incentivando práticas de moda que respeitem a origem e o contexto dos tecidos tradicionais. Assim, os tecidos kente e adinkra emergem não apenas como objetos de consumo, mas como elementos que articulam memória, resistência e identidade, oferecendo perspectivas inovadoras sobre como tradição e contemporaneidade podem coexistir de forma crítica e enriquecedora na moda global.

Referências

CLARKE, Duncan. **The Art of African Textiles**. San Diego: Thunder Bay Press, 1997.

MENINOS REI. Macacão em tecido africano. **Produtos**. Disponível em: <https://www.meninosrei.com.br/produtos/macacao-gueto-de-tecido-africano3/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

MENINOS REI. **Quem Somos**. Salvador, 2025. Disponível em: <https://www.meninosrei.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

UNESCO. **The African fashion sector: trends, challenges and opportunities**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000387230>. Acesso em: 26 jun. 2025.

V&A. **Africa Fashion**. Londres: V&A Publishing, 2022.